

O Militante

**GES
PCP**

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

APROXIMAM-SE AS ELEIÇÕES SINDICAIS

Preparemo-nos Para Elas

A aproximação da data das eleições sindicais coloca ante todo o Partido, ante cada organização, ante cada militante do Partido a tarefa inadiável de se intensificar o trabalho de mobilização e organização dos trabalhadores para a batalha pela conquista das direcções dos sindicatos.

A experiência das eleições anteriores ensina-nos que é necessário fortalecer a Unidade dos trabalhadores, que são necessárias uma melhor organização e uma melhor preparação de **TODOS** para se conseguir esconder os ratos do patronato e do fascismo das direcções dos sindicatos e fazer eleger, para os substituir, homens e mulheres honrados, fiéis à sua classe. Só com homens e mulheres deste tipo nas direcções dos sindicatos, estes podem servir convenientemente os interesses dos trabalhadores.

A rica experiência passada e ainda a agudização da luta de classes no momento presente, ensina-nos que a batalha pela conquista das direcções dos sindicatos, por homens e mulheres da inteira confiança dos trabalhadores, não é uma batalha fácil. Ao contrário, a batalha será dura e difícil. Todos os trabalhadores, e em primeiro lugar os comunistas, devem ter disso consciência. Para a travar vitoriosamente é necessário forjar uma melhor e mais forte organização constituída por uma densa rede de Comissões Sindicais, compostas pelos homens e mulheres mais valentes, activos e intrinsecamente fiéis à sua classe—Comissões que sejam capazes de manter perma-entamente mobilizados para a acção todos os trabalhadores que representam.

O fascismo e o patronato reacçãoário farão tudo para obstar que os trabalhadores coloquem à frente dos sindicatos homens e mulheres da sua inteira confiança. Como nas eleições anteriores, o fascismo e o patronato reacçãoário ameaçarão, procurarão impedir que os operários votem livremente, praticarão burras e falsas, intimidarão com as forças repressivas, arvorarão e agitarão o «espantinho» do eunismo como pretexto para violências e ilegalidades, etc.

Para tudo isto devem estar preparados e prevenidos os trabalhadores, homens, mulheres e jovens maiores de 18 anos.

Restam apenas a uns escassos três meses da data prevista para a realização das eleições sindicais. Isto exige que todas as organizações do Partido façam um balanço crítico no trabalho realizado e tomem medidas práticas para vencerem as deficiências verificadas assim como para impulsionar todo o trabalho de preparação para as eleições. Todos os promotores devem ser estudados e encarados de forma a que ninguém seja apanhado desprevenido com todas as possíveis manobras do fascismo e do patronato reacçãoário.

É necessário que onde ainda não haja Comissões Sindicais constituídas, se tomem medidas de organização e de mobilização para que os trabalhadores as constituam rapidamente. As Comissões Sindicais deve ser colocada como tarefa imediata a organização das Listas de Unidade e a recolha de assinaturas para as apoiar.

O número de assinaturas de apoio às Listas de Unidade não deve de modo algum restringir-se ao indispensável. Ao contrário. Devem recolher-se tantas



assinaturas quantas seja possível, pois, é necessário ter em conta que os dirigentes fascistas dos sindicatos arranjarão sempre maneira de invalidar um certo número de assinaturas, sob os mais variados pretextos, para tornarem as Listas de Unidade «ilegais», e assim, livrarem-se da Oposição dos trabalhadores democratas.

Uma outra tarefa de primeira importância é a elaboração dos Programas Reivindicativos comuns a cada Sindicato.

Como já foi colocado pelo nosso Partido, os comunistas devem ajudar os trabalhadores a elaborar estes Programas — Programas a realizar posteriormente pelas direcções honestas, e, por vezes e aliás, por isso, devem ser tomadas medidas aconselháveis a cada caso concreto para que nem uma só Lista de Unidade deixe de ter a acompanhar a o seu respectivo Programa Reivindicativo.

As Listas de Unidade, assim como os respectivos Programas Reivindicativos, devem ser do conhecimento de todos os trabalhadores. **TODOS** os trabalhadores, homens, mulheres e jovens devem participar na sua elaboração e na sua aprovação. No trabalho de mobilização e organização dos trabalhadores para a batalha das eleições sindicais, devemos ter em muita atenção os jovens e as mulheres.

Há sindicatos em que as mulheres são em grande número, sendo em maioria, como, por exemplo, nos da têxtil, da conserva de peixe, etc.. Este facto não pode nem deve ser substituído pelos trabalhadores masculinos e, muito menos pelos comunistas. As mulheres têm dado admiráveis provas de combatividade na luta pelas reivindicações gerais dos trabalhadores, pela democracia e pela Paz. As mulheres devem ser chamadas a participar na luta pela conquista das direcções dos sindicatos, e, não só a participar, mas a fazerem parte das Comissões Sindicais e das Listas de Unidade em igualdade de circunstâncias com os homens. Na elaboração dos Programas Reivindicativos não devem ser esquecidas as suas reivindicações e aspirações próprias: creches, descanço antes e depois do parto com os salários por inteiro, salário igual a trabalho igual, respeito dos patrões e certos encarregados e gerentes pela sua qualidade de mulheres e mães, etc., etc..

Os jovens, embora na sua maioria só tenham deveres para com os Sindicatos Nacionais e nenhuns direitos, não devem nem podem ser esquecidos pelos seus companheiros mais velhos, e muito menos pelos comunistas.

Se é certo que a maioria dos jovens não pode ser eleita para as direcções dos sindicatos nem eleger para elas aqueles trabalhadores que melhor defenderiam as suas reivindicações e direitos, eles estão interessados, e justamente por isso, em participar activamente na luta pelas eleições. Mas como?

Organizando as suas próprias Comissões Sindicais para ajudarem na elaboração das Listas de Unidade, na propaganda e agitação, no esclarecimento a certos grupos de trabalhadores para não enviarem os seus votos pelo correio e aconselharem-nos a votarem nas Listas de Unidade e a nomearem Comissões próprias e de confiança para irem depositar os seus votos à sede ou secção sindical respectivos.

Por sua vez, e para que os jovens sejam interessados na luta e a participarem nela activamente, devem ser convitados a expor as suas reivindicações próprias para serem inscritas nos Programas Reivindicativos.

Tal como sucedeu com as eleições para as Juntas de Freguesia, o governo pode tentar adiar indefinidamente a realização das eleições sindicais e continuar o processo ilegal, tão conhecido, de nomear Comissões Administrativas para dirigir os sindicatos contra a vontade dos trabalhadores e contra os seus interesses. Os trabalhadores devem ser alertados para esta perspectiva e o que ela representará se todos se não levantarem para exigir que as eleições sindicais se realizem no prazo previsto pela lei, embora lei fascista. Esta perspectiva impõe que sejam tomadas medidas aconselháveis no sentido de se consultarem em cada fábrica ou em cada oficina, nas empresas, nos estaleiros, nos portos, nos escritórios nas obras, em todos os locais de trabalho. Comissões Sindicais estreitamente ligadas às massas, de forma a que os trabalhadores passem a estar permanentemente mobilizados e organizados para imporem ao fascismo o ao patronato reacção à sua vontade e exigirem que o governo cumpra as suas próprias leis. Os fascistas fazem constantemente em liberdade, em legalidade, em vontade expressa, etc.. Agarremonos-lhes nas palavras demagógicas, obrigando-os a cumprir na prática o que afirmam na propaganda.

Para a batalha das eleições sindicais importa que os trabalhadores, com as suas Comissões à frente, conquistem o apoio franco e aberto do M.N.D., do M.U.D. Juvenil e de todos os democratas honestos. Aos trabalhadores compete indicar

com clareza em que deve consistir esse apoio, esclarecendo todos que a batalha das eleições sindicais e pela sua realização na data prevista, é uma batalha pela conquista das Liberdades Fundamentais, é uma batalha pela democracia e pela Paz.

Uma boa agitação e ainda uma melhor propaganda são indispensáveis para o sucesso desta batalha.

O Secretariado do Partido distribuiu pelos quadros um trabalho dactilografado sobre alguns aspectos das eleições sindicais, salientando algumas experiências colhidas nas eleições anteriores e dando indicações úteis para a acção com vista às eleições sindicais de 1950-1951.

As organizações do Partido, tendo em conta cada caso concreto e a situação conspirativa de cada sector e organização, devem tomar a iniciativa de reproduzir esse trabalho, ou servirem-se dele para publicações mais curtas enriquecidas com as novas experiências colhidas no decorrer da sua actuação. Devem, além disso, tomar a iniciativa da elaboração de novos documentos que dêem indicações precisas aos militantes do Partido e aos trabalhadores de como agir, tanto para a batalha pela conquista das direcções dos sindicatos por homens e mulheres honrados, como pela sanção imediata das direcções que venham a ser eleitas pelos trabalhadores, como ainda pela exigência da realização das eleições na data prevista pela lei, se o fascismo vier a tentar adiar a sua realização, etc., etc..

AVANTE, CAMARADAS, PARA A PREPARAÇÃO CONVENIENTE DAS ELEIÇÕES SINDICAIS DE 1950-1951!

Análise de Algumas Deficiências Na Luta Camponesa.

A situação de crise periódica dos camponeses assalariados do Alentejo e Ribatejo e a exploração de que são alvo, por parte dos grandes proprietários latifundistas que predominam nestas regiões, leva-os a uma constante luta que é uma verdadeira escola em que os camponeses têm aprendido a lutar pelo seu direito à vida, que lhes é negado, e a compreender que a sua situação de miséria só terminará quando, pela sua luta, em Portugal seja abolida a forma actual de apropriação da terra e seja feita uma verdadeira reforma agrária de forma que desapareça para sempre o latifúndio e a terra pertença a quem a trabalha.

Obrigados todos os anos a renovar a luta contra a falta de trabalho que periodicamente se verifica depois das ceifas, das vindimas e das cavas ou durante estas; contra a ganância desmedida dos latifundiários que procuram impôr aos camponeses salários de fome — os camponeses alentejanos e ribatejanos, orientados pelo Partido, aprendem a lutar com êxito contra a exploração e miséria de que são vítimas.

Durante o período decorrido entre o fim das ceifas do ano de 1949 e o início das de 1950, os efeitos da política salazarista de miséria e exploração das massas camponesas fizeram-se sentir numa forma tão aguda como há já longos anos não acontecia. Esta situação é uma consequência lógica da política anti-nacional do governo salazarista de subordinação da economia de Portugal ao escravizador Plano Marshall e da desmedida ganância dos grandes proprietários latifundistas protegidos pelo governo.

Lutando pelo seu direito a vida, muitos milhares de camponeses por todo o Alentejo e Ribatejo, especialmente, fizeram centenas de concentrações junto das Casas do Povo, autoridades locais, concelhias e distritais marchas de fome, etc., tendo obrigado o governo e os grandes agrários a tomarem medidas para resolver a sua situação de miséria, ainda que tem p'raiar etc. Estes movimentos levam as massas camponesas a



compreensão de que só pela sua luta decidida e sob orientação do Partido da classe operária, o Partido Comunista, é possível a solução dos seus problemas e a abolição da sua vida de miséria e fome.

Assim, ao contrário do que acontecia em anos atrás, os camponeses, depois das épocas de mais intenso trabalho, já não ficam de braços cruzados nas suas casas à espera de melhores dias ou que o governo e os grandes proprietários se condoam da sua miserável vida. Eles já adquiriram a consciência que, como portugueses e seres humanos que são, têm direitos e por isso os exigem. A organização de concentrações e de marchas de fome para exigir das autoridades pão ou trabalho; a organização de Comissões que expõem às autoridades e proprietários as reivindicações de todos; a organização de Comissões de Praça para fortalecer a sua unidade na praça na luta por melhores jornas, são métodos de luta que já nem mesmo o envio de forças repressivas da G.N.R. ou da P.I.D.E. consegue impedir. Os camponeses já compreenderam que perante a sua unidade e a sua luta firme a repressão fascista é impotente.

No entanto, interessa analisar alguns dos aspectos a corrigir e melhorar para que a continuidade da luta se mantenha e se obtenham resultados mais positivos.

Se é certo que a experiência da organização de Comissões de Praça se tem alargado a muitas localidades, que a sua actividade na luta por melhores jornas e pela defesa da unidade dos camponeses na praça tem melhorado, não é menos certo também que nem sempre as Comissões de Praça foram organizadas quando e onde o deviam ser e nem sempre a sua actuação foi acertada e de molde a impedir a baixa das jornas que se verificou, quase por toda a parte, durante o ano agrícola de 1949. É verdade que, devido à política ruinosa do governo que procura fazer cair o maior peso das consequências da crise capitalista sobre a agricultura, a defesa das jornas se tornou mais difícil, mas isto por si só não explica completamente as baixas verificadas. Devemos procurar as razões profundas no facto de a organização e combatividade das massas camponesas não serem suficientes para impedir que as consequências da crise caiam sobre os ombros dos trabalhadores.

E, se assim é, é errado admitir-se como o fazem alguns camaradas, que a baixa das jornas foi unicamente motivada pela crise que levou à diminuição da cultura nesse ano. Não compreendendo justamente o problema caíse na ideia de que não foram as nossas deficiências de actuação e combatividade que permitiram, em última análise, a baixa das jornas verificada, o que é absolutamente necessário e se torna imperioso é combater as ideias erradas que possam existir sobre as razões reais que permitiram a baixa das jornas no ano de 1949 e ao mesmo tempo melhorar o nosso trabalho na organização das Comissões de Praça procurando as nossas organizações e camaradas prestar-lhes o apoio político indispensável à boa condução da luta pela defesa da unidade dos camponeses na praça, factor fundamental para a conquista de jornas elevadas e suficientes.

Se, quanto à defesa das jornas, a organização dos camponeses não foi suficientemente ampla, unida e forte para impedir a sua baixa, o mesmo não aconteceu quando se tratou de lutar contra o desemprego depois das ceifas e das vindimas. Neste capítulo, a acção mobilizadora contra o desemprego, deu um importante passo em frente. As concentrações constantes dos camponeses junto das Casas do Povo, autoridades locais etc.; a organização de comissões que se deslocavam até às autoridades concelhias e distritais para reclamar medidas destinadas à solução dos problemas dos camponeses; as marchas da fome que foram organizadas sobre os Concelhos quando não eram atendidas as reivindicações, multiplicaram-se por todo o Alentejo e Ribatejo. A persistente e decidida luta dos camponeses obrigou os fascistas e os proprietários agrários a tomarem providências ainda que, em muitos casos, fossem insuficientes, pondo também a na as contradições existentes entre os vários sectores capitalistas e exploradores que apoiam o governo fascista de Salazar.

Podemos aferir a importância da luta dos camponeses e os seus reflexos na política nacional pelas constantes visitas de ministros a essas



regiões e pelas declarações demagógicas e promessas que se viram obrigados a fazer; pelas reuniões dos grêmios da lavoura e pelas exposições destes ao governo; pelo debate havido na Assembleia Nacional como objectivo da solução (sic) do problema da crise rural.

Sendo certo que demos nesse ano um passo importante na mobilização e organização dos camponeses na luta contra o desemprego, não é menos certo que ainda se verificam importantes pontos fracos nessa mobilização. Analizemos alguns:

Um dos mais importantes foi a ausência quase completa das mulheres na maioria das concentrações e marchas de fome. Isto não sucede por acaso. É o fruto da incompreensão dos camponeses e dos seus camaradas que se deixam levar pelas concepções burguesas e fascistas de que as mulheres não têm direito à protecção quando desempregadas. Se a mulher camponesa nos períodos de trabalho intenso como nas ceifas e vindimas é chamada a trabalhar junto com os homens, porque não exigir subsídio e emprego para elas quando o trabalho falta?

Sem que se compreenda a justeza desta reivindicação para a mulher camponesa; sem que se lute decisivamente pelo esclarecimento das próprias mulheres que são, na sua maioria, as primeiras a não compreender a injustiça do lugar à parte em que são colocadas, face aos homens, não se pode efectivamente contar com o apoio activo e constante das mulheres na luta dos camponeses contra o desemprego. Temos de lutar, efectivamente, pela mobilização das mulheres contra o desemprego começando por eliminar esta e outras incompreensões ainda existentes que impedem a sua participação nas lutas dos camponeses.

Outro ponto importante e igualmente fraco, foi a mobilização dos pequenos e médios camponeses, ceareiros, comerciantes e outras camadas da população, em apoio das lutas dos camponeses. Também estas camadas da população sofrem as consequências, por formas diversas, da política fascista de Salazar de protecção aos grandes agrários. Estas camadas da população também estão directa e indirectamente interessadas na luta dos camponeses assalariados e podem por isso ser mobilizadas em seu apoio na medida que saibamos acercar-nos delas. O exemplo dos pequenos proprietários, ceareiros e rendeiros de Aljustrel que se reuniram para protestarem contra a política ruinosa de créditos seguida pelo governo é um dos vários exemplos que mostra que é possível mobilizar estas camadas camponesas em apoio da luta dos camponeses assalariados. Também as manifestações de descontentamento, verificadas por toda a parte, pelos pequenos proprietários devido à imposição de trabalhadores em número desproporcionado com os grandes, é mais uma prova de que pode e é desejável a mobilização destas camadas camponesas na luta contra o governo fascista e de apoio às reivindicações dos camponeses assalariados.

Assim, os aspectos deficientes mais importantes, tomados no seu conjunto, na luta dos camponeses pelo direito ao trabalho, foram os que se referem à mobilização dos seus aliados nas circunstâncias em que decorreu essa luta.

Aproveitar as experiências dos anos anteriores, discutir amplamente nas nossas organizações as deficiências e erros cometidos e levar essa discussão ao conhecimento das massas para que se possa corrigir, e a tarefa fundamental e imediata que se coloca perante as organizações do Partido nestas regiões, com vistas à preparação da luta do novo período de crise que começa agora, após as ceifas. A crescente agudização da crise capitalista nacional e internacional, indica nos que ele será ainda de maiores proporções que os anteriores.

Mais Alguns Aspectos de Deficiências Conspirativas

Tem-se dito e escrito muito sobre os cuidados conspirativos que devemos ter e sobre a necessidade da defesa conspirativa do Partido em geral e das suas organizações. No entanto, nunca é demais voltar novamente ao assunto ainda que possamos, num ou noutro caso, repetir o que já



tenha sido dito. Alguns golpes sofrido ultimamente pelo Partido nalgumas das suas organizações, veio mostrar que muitos camaradas, falando muito em cuidados conspirativos, não fazem tudo o que é possível fazer para melhorar a sua actuação e evitar a accção repressiva da policia.

É frequente, entre muitos camaradas, mesmo responsáveis, admitir-se que a causa de determinado desastre foi o mau comportamento dum camarada que, não estando à altura dum verdadeiro comunista, denunciou outros camaradas. Esta é a forma mais simples de analisar o problema que esconde, ainda que muitas vezes inconscientemente, as responsabilidades quer individuais, quer colectivas.

Naturalmente, que a conduta de um camarada quando cai na policia conta muito na análise do desastre e da sua extensão e, esconder isto seria negar tudo o que se tem dito no respeitante ao comportamento que deve ter um comunista quando é preso. Mas limitar-mo-nos simplesmente a isto é muito pouco como por vezes o fazem alguns camaradas. A questão está em que os camaradas responsáveis, desde o mais simples camarada dum Comité Local ao camarada do Comité Central, ao distribuírem tarefas ou estruturarem o trabalho, têm em conta, em primeiro lugar, não a defesa conspirativa do trabalho mas sim o afã de apresentarem a tarefa realizada.

É isto precisamente o que se dá com frequência.

Muitos camaradas ao terem que levar à prática determinada tarefa não se preocupam muito em analisarem com cuidado as condições conspirativas em que ela vai ser realizada e de quem a vai realizar. Seguem a orientação mais simplista, aquela que lhes oferece menos dificuldades sem verificarem conscienciosamente se será a mais recomendável. Dai resulta, em geral, a acumulação de pequenos erros que a prazo mais ou menos longo, dão azo aos grandes desastres.

E o erro fundamental está em que, depois de verificado o desastre, esses camaradas resistem a analisar o problema profundamente e a reconhecerem as causas fundamentais que estiveram na origem do desastre.

Sendo grave para a actividade futura do Partido e para a sua segurança conspirativa a existência de concepções simplistas da resolução das tarefas, é muito mais grave a existência de camaradas que não vêm, ou não querem ver o fundo do problema, não estando por isso, em condições de rectificarem a sua accção futura.

Para os camaradas deste tipo o problema é visto da seguinte forma: O desastre deu-se porque A e B falaram em C e D ou deste e daquele trabalho; e não se seria necessário A e B conhecerem C e D ou esta ou aquela actividade e se não teria sido um erro esses camaradas terem tido conhecimento maior do que o seu bom senso e a defesa do Partido recomendavam, e daí partir para a análise do problema e das respectivas responsabilidades.

Se não procurarmos, na análise de qualquer desastre, aprofundar a discussão e procurar encontrar as causas profundas desse desastre, não teríamos dúvidas que não estaremos nunca em condições de melhorar o nosso trabalho e caremos sempre, infalivelmente, nos mesmos erros. Os desastres dão-se não no momento preciso em que a policia deita a mão a um elemento fraco que não cumpre o seu dever de comunista, mas sim através de todo um periodo de tempo mais ou menos longo em que se cometeram uma serie de erros que enfraqueceram o trabalho conspirativo da organização e permitiu que ela ficasse à mercê do primeiro camarada que não se comportou dignamente.

Outro aspecto de deficiências que está na mesma origem do acima exposto é o da utilização frequente dum mesmo camarada para a realização de várias tarefas consecutivas. Assim, acontece geralmente que a um camarada é entregue toda a especie de tarefas que vão aparecendo no trabalho diário, sem se ter em conta o trabalho conspirativo chegando, em muitos casos, esse camarada a conhecer excessivamente vários aspectos da actividade do Partido. A tendência para não se fazer esforços para «encontrar» outros camaradas para a execução dessas tarefas é flagrante em



trabalho conspirativo como também um entrave à formação e desenvolvimento de novos quadros.

Orientando o trabalho desta forma simplista e comodista põe-se no conhecimento do mesmo camarada vários aspectos do trabalho do Partido que ficam sujeitos à contingência do mau porte do camarada.

Todo o camarada, mais ou menos responsável do Partido tem, pela própria experiência, obrigação de lutar contra o perigo que acarreta a utilização desmedida dum mesmo camarada em várias tarefas consecutivas, mas a realidade é que muitos camaradas responsáveis não lutam contra tal forma de actuação e até muitos daqueles que estão mais prevenidos contra tal tendência muitas vezes se deixam arrastar para tal caminho não medindo suficientemente as consequências futuras, tendo só em conta a necessidade imediata da realização da tarefa.

A luta contra as deficiências de actuação apontadas neste artigo, e que estão na base de alguns desastres ocorridos e de muitos contratempos verificados na actividade geral do Partido, é uma necessidade permanente. É necessário que haja uma compreensão justa das causas profundas e dos erros e actuação que possibilitam os desastres e não nos deixarmos influenciar pelos motivos aparentes e superficiais que, em geral, só servem para encontrar justificação para as nossas deficiências.

Assim, na análise dum desastre e para completa compreensão dele, não nos devemos satisfazer com os aspectos superficiais mas procurar ir até ao fundo da questão se queremos beneficiar da experiência para o melhoramento do nosso trabalho futuro.

AS FORÇAS ARMADAS DEVEM SER POSTAS AO SERVIÇO DA PAZ

A redutidíssima actividade partidária nas forças armadas continua sendo uma das maiores debilidades do nosso Partido que se impõe liquidar o mais depressa possível.

Decaiu a organização anteriormente existente e nas informações fornecidas à direcção do Partido quase se não fala em actividade entre as forças armadas.

Por outro lado, e muito embora tudo isto seja uma realidade desde há muito constatada, dentro do Partido continua a não existir a compreensão e devido esforço com vista a estabelecer novas ligações e a melhorar a organização dos soldados, marinheiros, G.N.R. e P.S.P. liquidando, assim, a grande lacuna existente neste sector de trabalho.

Devido a isto os filhos do povo fardados não são convenientemente orientados afim de lutarem por melhores condições de vida, pela solução de todos os seus problemas, nem acerca dos perigos duma nova guerra para a qual eles mais directamente podem ser arrastados como carne de canhão para a defesa dos criminosos interesses da camarinha salazarista e dos seus patrões e agressores de além Atlântico.

Das necessidades, das preocupações, da parte sã e democrática das forças armadas dentro dos quartéis, nada se sabe.

Dos deslignos e acção, dentro dos quartéis, da parte dos altos comandos apenas se sabe, por assim dizer, aquilo que se observa através da imprensa e de alguns discursos dos dirigentes fascistas.

A situação seria outra e muito melhor, caso houvesse mais actividade e menos deficiências no que se refere ao trabalho nas forças armadas.

Em conclusão: Enquanto o governo de guerra salazarista aumenta as despesas de guerra e intensifica a sua política de captação e de engano junto das forças armadas, para mais facilmente as levar à guerra e a espingardar o povo português sempre que ele se erga em defesa dos seus interesses e da Paz, a acção do Partido, no que toca a estas mesmas forças armadas é, por assim dizer, cada vez mais reduzida.

Paz, a acção do Partido, no que toca a estas mesmas forças armadas é, por assim dizer, cada vez mais reduzida.

É inadmissível que o Partido da classe operária, o Partido dos trabalhadores, o mais acérrimo defensor dos interesses de todo o povo, continue revelando tão graves deficiências na relação a um problema de tanta importância para as forças democráticas na sua luta contra o fascismo salazarista e pela defesa da Paz.

Todo o Partido, de cima a baixo, de Norte a Sul do país, tem de liquidar esta situação. Mas para tanto tem igualmente de saber, antes de mais nada, encontrar as causas das suas deficiências no que diz respeito às forças armadas, tendo muito em conta, entre outras esta que é fundamental:

No Partido, como é salientado no «Militante» nº 48 (Dezembro de 1947), não há «ainda uma justa compreensão do que continua a representar, em prejuízo do povo as forças armadas ficarem ao lado do fascismo; do que significará a adesão da parte progressiva e patriótica das forças armadas na luta ao lado do povo pela Liberdade e pela instauração dum regime democrático em Portugal».

Hoje devemos acrescentar: As debilidades existentes da parte do Partido no que diz respeito às forças armadas, revelam bem não haver uma justa compreensão do que significará a parte progressiva e patriótica das forças armadas se colocar ao lado do povo na luta que este já encetou contra a guerra, em defesa da Paz e contra o «enprágo da bomba atómica».

Dada esta situação, vejamos desde já algumas medidas que se impõem e que **DEVEM SER REALIZADAS PELO PARTIDO, OU PARA MELHOR, POR TODAS AS ORGANIZAÇÕES E MILITANTES DO PARTIDO.**

A primeira medida a tomar consiste em a Direcção do Partido (liquidando a parte que lhe toca nas deficiências já assinaladas) fazer que todos os organismos do Partido discutam o problema da actividade partidária entre as forças armadas, até que sobre elas haja perfeita compreensão e sejam tomadas medidas concretas e práticas de molde a estabelecer e reforçar a ligação e organização entre esta parte do povo português. Paciente e persistentemente a Direcção do Partido deve ajudar as organizações e militantes do Partido na realização desta importante tarefa.

A segunda medida que se nos impõe, consiste em cada organização da cidade e demais terras onde haja forças armadas, tomar medidas práticas e muito concretas para estabelecer ligação e montar a organização entre estas. Esta deve ser uma tarefa por cuja realização devem ser responsabilizados os organismos, os militantes destacados para tal trabalho e os camaradas controladores. O aumento da responsabilidade no que se refere à realização desta e de todas as outras tarefas do Partido, eis o grande factor que há-de levar-nos vitoriosamente ao cumprimento de todos os nossos deveres.

A realização desta tarefa torna-se tanto mais simplificada na medida em que se tenham em conta os membros e simpatizantes do Partido, ou outros democratas, que todos os anos entram nas forças armadas na sua ou noutras localidades.

A terceira medida que se nos impõe, consiste no seguinte, conforme ficou estabelecido no 2º Congresso do Partido:

«A organização de soldados, marinheiros prisioneiros da G.N.R. e P.S.P. deve orientar-se no sentido de promover os seus reivindicados imediatos».

Na sua acção junto das forças armadas e pela realização destas e de outras tarefas, o Partido deve fazer todos os possíveis para as esclarecer sobre os perigos de guerra em geral e sobre a política de guerra do salazarismo em particular. Esclarecê-las até que compreendam que no caso de Portugal ser arrastado a guerra quem mais sofrerá serão os trabalhadores, os filhos do povo fardados. Esclarecê-las até que compreendam que é nelas que o salazarismo procura apoiar-se para manter por mais tempo o seu criminoso domínio sobre o povo e o país. Esclarecê-las até serem convencidas de que as armas que estão nas suas mãos não devem ser empregadas contra o povo. Esclarecer as forças armadas até que elas deixem de ser um sustentáculo do fascismo e passem a fazer causa comum com todo o povo contra todos os incendiários de guerra e em defesa da Paz.

NOTA:

Por lapso «O MILITANTE» 61 saiu com a data do mês de Setembro quando devia ser a de Agosto